

NO CONTINENTE AFRICANO:

IMPERIALISMO VAI SER OBRIGADO A APAGAR FOGUEIRAS QUE ACENDEU

26/1/76 p. 3 Joaquim Chissano no Xai-Xai, acompanhado por outros dirigentes da África

XAI-XAI, 25 — «No passado, quando se falava de Libertação da África, havia um espírito muito estreito, as pessoas eram muito pouco abertas, davam um significado muito limitado ao conceito de Libertação da África», afirmou o Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, falando numa reunião popular realizada no Xai-Xai, capital da Província de Gaza, onde se deslocou acompanhado por alguns elementos das delegações que estiveram presentes aos trabalhos da 26.ª Sessão ordinária do Comité de Coordenação para a Libertação da África, nomeadamente Omar Arifin Galib, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Democrática da Somália; dirigentes da República Popular do Congo, e dos Comités de Libertação da Costa da Somália, Frente da Libertação da Costa da Somália, FICG e Liga Popular Africana para a Independência — LPAI.

Durante o dia de ontem, dirigentes do Governo moçambicano acompanharam representantes dos países e dos movimentos de libertação presentes a reunião do Comité de Libertação, em diversas visitas a locais do nosso País, como Zavora, Inhambane, Ponta do Ouro, Vale do Limpopo, Gaza, Almassira, Inhaca, Vilancelos e Santa Carolina.

Além das já referidas elementos salientamos, ainda o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros do país irmão da Tanzânia, I. A. Sepetu, que ao fim da tarde de ontem regressou à capital acompanhado pelo Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Armando Panqueto.

O Ministro Joaquim Chissano acompanhou as suas palavras acerca da libertação africana, de alguns exemplos colhidos da experiência adquirida pela FRELIMO ao longo dos dez anos de luta armada, e, há mais recentemente, durante o Governo de Transição e dos escassos meses que Moçambique leva como país independente. Em consequência, frisou que se assiste presente-

mente, em África, a confusão de muitos que pensavam ser suficiente substituir os colonizadores para serem livres e independentes.

«VIVEMOS DIAS DIFERENTES»

Antes, o mesmo dirigente explicara ao povo do Xai-Xai os motivos da sua deslocação ao tendo procedido a apresentação das pessoas que o acompanhavam e explicado os objectivos da realização, em Lourenço Marques, da 26.ª Sessão ordinária do Comité de Coordenação para a Libertação da África. Disse, ainda, a tal propósito, que da sua interacção e dos outros dirigentes africanos que o acompanhavam, trazer até ali um pouco de entusiasmo e do calor humano de que se haviam revestido os trabalhos do Comité na capital do País.

Noite passada, na sua alocução, Joaquim Chissano afirmou:

«Avós, na FRELIMO — que representa o povo moçambicano — nos conhecemos o valor da liberdade. Por isso, é que a palavra de ordem da linha correcta da FRELIMO nos encorajou a lutar pela liberdade real e reconquistarmos a nossa dignidade, quer como moçambicanos, quer como africanos que somos. Reconquistámos o nosso lugar na África e no Mundo e seremos respeitados e, pois, o primeiro ponto importante daquilo que nos na FRELIMO entendemos por liberdade. Reconquistámos o direito de escolher livremente o nosso futuro e trabalharmos por ele.»

Mais adiante, referiu-se ao papel das Forças Populares de Libertação de Moçambique — FPLM — neste contexto, disse:

«As FPLM existem para defender esta verdade, e esmagaremos todos aqueles que esbarrarem juntos com os colonialistas e imperialistas porque tentam, as FPLM como a maioria do povo estão unidos para defender o verdadeiro sentido da Independência, a conquista da nossa personalidade, da nossa dignidade, que não podem ser compradas nem vendidos.»

Joaquim Chissano, em palavras simples, desenvolveu os pontos acima indicados, tendo sublinhado a necessidade de combater o egoísmo que assalta algumas pessoas mais apressadas, que desejam ver feito num só dia aquilo que, em parte alguma do mundo, pode ser feito nesse curto espaço de tempo. O importante, segundo disse, é consolidarmos o nosso poder político, e estabelecermos as bases para o completo controlo económico do nosso país. Depois, declarou:

«A nossa vida já mudou. Hoje estamos aqui reunidos. Antigamente, não podíamos estar aqui, vir aqui com os nossos amigos, com os nossos irmãos de África. Antigamente, havia reuniões internacionais em Lourenço Marques, tinham pessoas de outros países, mas porque não tinham nada a ver conosco, ninguém vinha aqui dizer coisas, nós tivemos a nossa reunião internacional, com outros países da África, com outros países do Mundo. Ninguém vinha aqui dizer isso. O nosso inimigo, o imperialismo, não gosta desse tipo de independência, não gosta deste

tipo de liberdade, não gosta de nos ver aqui reunidos, com a nossa cultura, com as nossas crianças e aprenderem que elas são moçambicanas e que vivem num país livre onde o poder pertence ao povo.»

Então, os nossos inimigos atacam-nos fortemente, criam intrigas no nosso seio, invadem os nossos países, como estão a fazer agora, por exemplo, em Angola.

É por isso que a reunião do Comité de Libertação realizada em Lourenço Marques tomou outra forma, porque vários países da África já estão conscientes de que a Liberdade não é só ter uma bandeira negra, não é só ter hino nacional, não é só ter presidente preto, não é só ter presidente preto, estrangeiro preto. A independência é muito mais do que isso. O Comité de Libertação sabe que a luta, hoje, é uma confrontação directa contra o imperialismo, é uma luta das massas populares contra o imperialismo internacional.»

IMPERIALISMO OBRIGADO A PAGAR FOGUEIRAS QUE ACENDEU EM ÁFRICA

Joaquim Chissano advertiu, em seguida, contra as ideias erradas que o colonialismo sob outras formas, mais disfarçadas, tenta introduzir na cabeça das pessoas, para destruir a confiança nos seus dirigentes e para que o povo não se esforce para mudar a vida, não se esforce para liquidar a miséria, o obscurantismo e a fome. Para criar um outro tipo de vida, no qual as largas massas do nosso povo possam caminhar para um futuro em que todos esses males tenham desaparecido da face do país, da face da África e do Mundo.

Finalmente, o responsável moçambicano pela pasta dos Negócios Estrangeiros afirmou:

«A reunião que teve lugar em Lourenço Marques compreendeu isto tudo. Talvez que pela primeira vez, nas reuniões do Comité de Libertação, tenha sido possível falar-se esta linguagem africana, compreender-se tudo, aquilo que ficou dito sobre a verdadeira, a real independência dos povos. Foi uma reunião que teve muitos sucessos, por causa disso. Reunimos dia e noite. Hoje acabámos eram cinco horas da madrugada, mas os ânimos dali compreendendo, aqueles que estavam decididos, em África, a levar a Revolução até ao fim. E tenho a dizer que a Revolução está forte na África. Nós vamos ganhar, nós vamos derrotar o imperialismo. A nossa força cresce, dia a dia. O imperialismo vai ter que apagar essas fogueiras, todas que acendeu em África.»

Para alcançar os objectivos revolucionários traçados em todo o continente, tanto quan-

to no próprio país, o Ministro dos Negócios Estrangeiros sublinhou a necessidade imperiosa de todos os moçambicanos consolidarem a retaguarda, não consentirem a infiltração do inimigo.

A terminar, e referindo-se a algumas comparações que o

inimigo fomenta entre nós, com a intenção de nos dividir, dizendo que no tempo colonial era de uma maneira e, agora, é de outra, aquele dirigente afirmou:

«Não admitimos ser comparados, com os colonialistas, de maneira nenhuma.»